Alocuções Panegíricas aos Formandos em Engenharia do Centro de Tecnologia e Geociências da UFPE

Hélio Magalhães de Oliveira

período de referência 2001-2015

2015

Manichæism est in ubiquitous deformitates et actionis rationem stultorum exaltatio.

—Professor Hélio Magalhães de Oliveira

Revisão: O Autor

Impressão e acabamento: Iranildo Mendonça

Hélio Magalhães de Oliveira

Departamento de Estatística da Universidade Federal de Pernambuco

Cidade Universitária CEP 50740-540 Recife – PE

E-mail hmo@de.ufpe.br

URL arxiv.org/a/deoliveira_h_1

Dados de Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha catalográfica feita pelo autor
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

OL48a de Oliveira, Hélio Magalhães, 1959-
Alocuções Panegíricas aos Formandos do CTG-UFPE
Hélio Magalhães de Oliveira. –
Recife: Iranildo Mendonça, 2015.
69 p., 21 cm

Bibliografia.
ISBN não disponível (broch.)

1.Discursos. I. Titulo

CDD B869.5
CDU 82-5

Curta Apresentação.

Hélio Magalhães de Oliveira, professor.

Encerrada* a minha passagem pelo Departamento de Eletrônica da UFPE, após três décadas (1983-2014). No período, fui homenageado por **49 turmas distintas** de formandos em Engenharia. Talvez tenha algum significado, lembrando Abraham Lincoln (*American 16th US President*), «*You may fool all the people some of the time, you can even fool some of the people all of the time, but you cannot fool all of the people all the time*».

A partir de 2001, tive o privilégio de ser reiteradamente escolhido como paraninfo de **16 turmas**, envolvendo Engenharia Eletrônica ou Engenharia da Computação.

Resolvi compilar, neste livreto, os discursos proferidos por ocasião das solenidades de colação de grau de Engenheiro, representando todo o CTG (algumas no CIn) ou aulas de encerramento. Trata-se de um resgate histórico: *aqua præteritum, quod movetur molendinis meis*.

* um expurgo dos (autoproclamados) proprietários.

Tabela 0.1: Paraninfo ou patrono dos seguintes concluintes (total 16 turmas de formandos).

ano	Turma de formandos		
2014	Turma 2014.1 EE		
2013	Turma 2013.2 EE		
2012	Turma 2012.2 EC		
2011	Turma 2011.1 EC		
2009	Turma 2009.1 EE		
2008	Turma 2008.2 EE	Turma 2008.2 EC	Turma 2008.1 EE
2007	Turma 2007.1 EE		
2006	Turma 2006.2 EE	Turma 2006.1 EE	
2005	Turma 2005.1 EE		
2004	Turma 2004.2 EC	Turma 2004.1 EE	
2002	Turma 2002.1 EE		
2001	Turma 2001.1 EE		

Eleito professor homenageado por **49** turmas de formandos da UFPE, Recife

Engenharia Eletrica-Eletrônica & *Engenharia da Computação.

Turmas 2014.2; 2014.1; 2014.1*; 2013.2*; 2013.2; 2013.1; 2012.2*; 2012.1

Turmas 2011.2*; 2011; 2011.1*; 2011.1; 2010.2; 2010.2*; 2009.2; 2009.1

Turmas 2008.2*, 2008.2; 2008.1; 2007.2*, 2007.2; 2007.1*, 2007.1

Turmas 2006.2, 2006.1; 2005.2, 2005.1; 2004.2, 2004.1; 2002.1, 2002.1

Turmas 2000.2, 2000.1; 1999.2, 1999.1; 1998.2, 1998.2; 1997.2, 1997.1

Turmas 1996.2, 1996.1; 1995.2, 1995.1; (afastamento para doutorado 88-92)

Turmas 1988.1; 1987.1; 1996.2, 1986.1; 1985.2; 1985.1

Universitas eruditio professio est tantum professio suscitatio tener mens pro expletio is postea. Anatole France

Sumário

1 alocução **9**
1.1 Formandos UFPE de 2002.1 9

2 alocução **17**
2.1 Formandos UFPE de 2004.1 17

3 alocução **25**
3.1 Formandos UFPE de 2006.1 25

4 alocução **31**
4.1 Formandos UFPE de 2006.2 31

5 alocução **37**
5.1 Formandos UFPE de 2008.2 37

6 alocução **41**
6.1 Formandos UFPE de 2008.2 41

7 alocução **49**
7.1 Formandos UFPE de 2011.1 49

8 alocução **55**
8.1 Formandos UFPE de 2012.2 55

9 alocução **59**
9.1 Formandos UFPE de 2013.2 59

10 alocução **63**
10.1 Formandos UFPE de 2014.1 63

Capítulo 1

alocução

1.1 Formandos UFPE de 2002.1

ALOCUÇÃO PROFERIDA EM 28/10/02
Paraninfo da Turma de Engenheiros do Centro de Tecnologia e Geociências

Turma: *Engenharia com Excelência*
Representante do magnífico reitor da UFPE, Ilmo Representante do Diretor do CTG, demais membros da mesa e autoridades presentes. Meus senhores, minhas senhoras. Caros formandos. Honra-me assaz me encontrar na condição de paraninfo de uma turma de jovens que representa o futuro. Acredito em vós, como propulsores da sociedade. Investindo-me na posição de Paraninfo, quisestes conceder tal prestigiosa honraria e rogo-vos que acrediteis que sou sensível a tanta honra. De fato, considero-a a maior que se possa outorgar a alguém que se intitula professor. Normalmente, tal posição é atribuída a quem é detentor de grande experiência e freqüentemente requer um vasto legado. Ora, não possuo o dom da oratória, eloqüência, nem posses que

justifiquem tal escolha. Meu (limitado) domínio tem sido quase sempre, essencialmente técnico. Se minha contribuição ainda é modesta, ao menos ela provém do âmago e isto, pareceis reconhecer.

Na universidade, há pesquisadores, cientistas, educadores, professores. Como docente, acolho esta incumbência de paraninfar vossa turma como o melhor dos mimos que poderia receber. Agora que vos agradeço a escolha, digo-vos que buscarei, na medida do possível, corresponder à vossa confiança. Afastar-me-ei, entretanto, do domínio em que possuo alguma competência: o domínio técnico. E fora daí, sinto-me um tanto desajeitado[1]. Asseguro a esta audiência: concluir um curso de Engenharia não constitui uma tarefa trivial. Hoje, vosso vultoso esforço é enfim merecidamente recompensado. Como discorrer sem citar uma aproximação em série de Taylor ou uma análise de Fourier? Coube-me, entretanto, vos endereçar agora algumas palavras. Objetivamente, o que seria oportuno abordar nesta insigne ocasião? Há tantos e tão variados temas, excitantes e provocantes! Apenas para citar alguns, poderíamos abordar a importância do Engenheiro na Sociedade contemporânea. Ou "Ética e cidadania". Quem sabe um apelo a responsabilidade: "vós sois a elite e agentes das transformações". Talvez ainda mais proveitoso, abordar os desafios que esperam os novos engenheiros. Neste contexto, poder-se-ia tentar traçar "um perfil do Engenheiro", exigências, versatilidade e multi-disciplinaridade. Ou quem sabe, dissertar longamente sobre a nossa gloriosa **Escola de Engenharia**, que tanto nos orgulhamos de fazer parte.

Valeria não menos um enfoque voltado a comentários sociais e políticos: "A desigualdade, miséria, fome, discriminação, tão inaceitáveis: o que fazer?". Certamente, tópicos atuais com a globalização, as mudanças vertiginosas, o novo milênio, poderiam constituir o foco principal. Não, meus caros! Não desejo nem ouso traçar um pretenso perfil do que vos espera, muito menos ministrar lições de como deveis vos comportar. Lições para vencedores do tipo: "sejam sempre otimistas", "projetem o que desejam", "ambicionem", ou outras regras de comportamento com sucesso tampouco me interessam tratar. Receituários, chavões, clichês. Não que os julgue de pouca monta ou valia. Porém antes de vos saudar, em meu nome e em nome dos demais paraninfos[2], creio que como engenheiros, vale questionarmo-nos criteriosamente sobre o que fazemos nesta ocasião. Trata-se essencialmente de um ritual de passagem. *O porquê desta cerimônia*? Para marcar o fato, permitir relembrá-lo posteriormente, e homenagear a quem foi peremptório neste aprendizado: Os pais, responsáveis, cônjuges, colegas e corpo docente[3]. Cabe também um momento de reflexão e quiçá uns parcos aconselhamentos. Por conveniência, abordarei o tema citando o étnologo e escritor francês Georges Battaille. A vida caracteriza-se por uma sucessão irregular de descontinuidades, intercaladas por períodos de continuidade. As cerimônias são características de ocasiões formidáveis, que marcam as descontinuidades. Exemplos destas situações incluem o nascimento, o vestibular, a primeira relação, a formatura, o casamento, filhos, até a morte. Discorro sobre descontinuidade, adequando-a

a linguagem dos Engenheiros. O comportamento da função sofre instantaneamente uma mudança abrupta, e passa a seguir um comportamento diferente. Rompe-se um ciclo! Doravante, sereis Engenheiros. O quanto nasceu aqui! Quanto foi construído neste tempo de continuidade! Decerto, todos temos a nostalgia da continuidade perdida. Há um ar de saudade, um sentimento de perda, um temor e um gosto inquietante de desafio e de futuro.

Tecnologia. Ah, maravilhosa tecnologia! O que nós abraçamos? O agente da riqueza, das transformações, do conforto e do bem-estar para os homens. Definimo-la como o estudo de técnicas cujo objetivo capital é aprimorar a vidas das pessoas. Gostaria de relembrar-vos que em longo prazo, a tecnologia é benéfica. Se hoje ela discrimina e não é acessível à maioria, amanhã ela o será. Embora assim seja, quase nada avançamos nos valores básicos. *Os tempos de Hoje são ainda os tempos de ontem* (corrupção, poder, crises mundiais, exploração, inquietações da alma...). Se a Tecnologia há muito avançado, o mesmo progresso não se verifica no coração humano. Permitais-me pois vos lembrar que a Engenharia nunca deve se satisfazer em ser *unidimensional*.

Paira no ar uma nova ordem; instala-se progressivamente um novo modelo para as universidades brasileiras. Nele, só há lugar para empreendedores e negociantes. Pesquisadores devem ser captadores de recursos, ao invés de cientistas. Numa visão míope, domina o imediatismo dos resultados. Há uma paulatina metamorfose de **IES** em escritórios de prestação de serviços. Há muitas cátedras, mas

praticamente não há uma carreira acadêmica. E considero que gradativamente nos afastamos do academicismo e rigor científico que me conduziram a adentrar neste maravilhoso mundo. Nesta circunstância, não poderia me omitir em traduzir o meu veemente repúdio à gestão e política desastrada de educação superior do Ministro da Educação, Exmo Sr. Paulo Renato de Souza. Um dirigente que permite que todas as universidades federais permaneçam fechadas[4] por um período de seis meses, é, no mínimo, irresponsável. Exponho-vos a minha revolta: em meu juízo, nunca houve um ministro tão danoso ao ensino superior. E registro ainda certo desapontamento para com os colegas professores que tacitamente aceitaram o desfecho da crise[5]. Hoje, considero-me um pouco dinossauro, gradativamente fossilizado. Talvez pelo meu conservadorismo arcaico, quem sabe um reflexo do amadurecimento, de quem não acompanha *os novos tempos*. Porém, resistirei. A universidade que acredito não é a universidade dos negócios, mas a universidade do saber.

Esta é também ocasião de memórias. Impossível esquivarse de uma certa nostalgia. Lá se vão bons 20 anos, quando, tão idealista quanto vós, compartilhei a felicidade de galgar este título de Engenheiro. Que em vós, como em mim, não se extinga a chama. Em inúmeras solenidades estive presente, escutando paraninfos relembrando quando sentaramse aos bancos, em espera ansiosa, como vós, almejado o diploma. Transporto-me a 1980, aos meus 21 anos, idealista, jovem, inquietando-me sobre o futuro. Então me decido ousar dirigir-vos algumas malfadadas *prescrições*. Apesar

da minha precária autoridade para vos aconselhar[6], peço licença para expor duas ou três recomendações, mesmo sem maiores expectativas. Não pauteis vossa carreira pelo sucesso, poder ou dinheiro. Antes disto, ponhais emoção em vosso ofício. Eviteis este enorme complexo tupiniquim nordestino. Contudo, não há a mínima necessidade de ser "o melhor", "o maior", "o único". Esta cultura pavorosa está enraizada nos Brasileiros. Imploro-vos, não vos deixeis envolver. É preciso apenas ser (um bom faxineiro aqui da UFPE não parece famoso nem importante, mas merece maior deferência que alguns ministros, excelências e doutores).

A confidência maior: É preciso amar o que se faz. Um bom pintor ama a pintura, um bom poeta, a poesia, um bom músico, a música. Se não estais satisfeitos com o que fazeis, nunca sereis pleno. Ainda mais profícuo nesta ocasião, acredito que seja a mensagem tranquilizadora: "Não temais as bifurcações na vida". É sempre inquietante quando defrontamo-nos com uma decisão grave como hoje (*quo vadis*?), que conduz a cenários dessemelhantes. Não há caminhos corretos – há somente caminhos diferentes. Não hesiteis em decidir: Qualquer que seja vossa decisão, embora as conseqüências sejam distintas, nenhuma é uniformemente superior à outra – não são comparáveis, apenas díspares. Queridos colegas engenheiros. Posso afirmar solenemente: "Esta é a minha casa – E nela, eu, como tantos colegas, tivemos o privilégio de vos acolher com a mais verídica satisfação". Cabe-vos fazer com que os frutos proliferem e esta universidade atenda ao seu fim precípuo, contribuindo

para o desenvolvimento da Nação. A todos vós, particularmente aqueles da maravilhosa turma *Engenharia Eletrônica com Excelência*, as mais sinceras felicitações. Permitindo-me um instante pessoal, agradeço nominalmente a Tiago Falk e Danilo Silva, com quem tive a enorme satisfação de trabalhar. Gostaria de arrematar congratulando-me aos vossos pais, artífices desta vitória, e desejando os mais sinceros votos de sucesso profissional e pessoal a cada um. Se, posso sentir-me orgulhoso ter construído algo, confesso que me sinto altivo em ter influído[7] em vossas vidas. A vida é uma dádiva – e o futuro é vosso. Se hoje, vós e vossa família estais felizes, confesso-me que também. Muito construístes até o presente e, entretanto, mais que nunca, a vida e o futuro se descortinam. Ides em frente sem medo. **O futuro se constrói!**

Parabéns, queridos ENGENHEIROS. MUITO OBRIGADO!

comentários –

1– *gauche*, diria o poeta Drummond.

2– antes de vos agradecer tanta deferência.

3– Eu vos junto para saudar particularmente todos professores homenageados. Colegas que constróem a universidade que acredito, cumprindo sua tarefa essencial: despertar a alegria de trabalhar e conhecer.

4– em greve.

5– oferta de três semestres capengas em um único ano letivo!

6– ou a quem quer que seja.

7– ainda que pouco.

Capítulo 2

alocução

2.1 Formandos UFPE de 2004.1

ALOCUÇÃO PROFERIDA EM 14/10/2004
Paraninfo da Turma de Engenheiros do Centro de Tecnologia e Geociências
Turma: *110 Anos de Engenharia*

Representante do Magnífico reitor da UFPE, também representando o Ilmo Diretor do CTG, demais membros da mesa e autoridades presentes. Colegas professores. Meus senhores, minhas senhoras. Caros formandos. é um privilégio indescritível e um autêntico prazer para mim, conduzir as mais calorosas congratulações aos meus novos colegas de profissão, os Engenheiros 2004, egressos desta casa. Dividamos pois a exultação e um imenso júbilo: formandos, progenitores e parentes, mestres e funcionários. Investindo-me como paraninfo dos construtores do futuro e propulsores da sociedade, concedeis o mais prestigioso laurel outorgado a um lente. Causa-me, contudo, um misto de estranheza e ventura, a vossa opção. Devo iterar que não detenho posses

que abonem tal escolha; nem em meus cabelos, reflito a experiência habitualmente requerida. A tarefa do professor é despertar a alegria de trabalhar e conhecer. Se hoje me encontro na qualidade de paraninfo, razão ainda que menor, há de haver! Por tantos e quantos catedráticos tivestes vós a regalia ou desventura de cruzar?

Façamos pois um cálculo aproximado: um curso com dez períodos, com média de sete disciplinas por período, totaliza mais que uma meia centena de lentes. Isto permite aquilatar o quanto nós, paraninfos, valorizamos tal honraria. Rogo-vos pois que acrediteis na lisura da nossa gratidão. Ocorre-me então a citação de Saint-Exupéry: «*tu deviens responsable pour toujours de ce que tu as apprivoisé*[1]». Decerto os demais homenageados vos guardam sentimentos similares.

Coube-me contudo a intricada tarefa de vos saudar, embora sabedor que mais de um espírito eminente a exerceria melhor. Não obstante, acolho esta incumbência com carinho e orgulho. Mas uma boa aula de ciência e engenharia me seria mais fácil. O cientista busca conhecer co mo o mundo funciona, enquanto que o engenheiro põe esse conhecimento científico em uso (conjuguemos o "verbo" engenheirar). Espera-se inconscientemente uma apologia aos Engenheiros, à Ciência e a sua influência benéfica na humanidade[2]. A tecnologia avança avassaladora. E todos aquiescem unânimes, a cada dia a passos mais céleres. Mas, não seriam as nossas incertezas igualmente pertinentes do que aquelas induzidas por Shakespeare, ao aludir o memo-

rável *Ser ou não ser*? Cabe refletir: "Para que a Tecnologia?" Afinal, as latentes inquietações do âmago nos foram quase sempre indistintas... Imaginai porém ter um filho (ou progenitora) necessitando com urgência de uma tomografia computadorizada. Almejai apoiar alguém longínquo, sem dispor das Telecomunicações, ou episódios do gênero. Senhores, a tecnologia per si é completamente neutra, fria. Nem boa, nem má. Cabe a nós a deliberação derradeira. **Façamo-la profícua!** Mas a ocasião é favorável para vos expor que, em nenhuma hipótese, devemos admitir que o temor que se abuse da Ciência leve à proibição do conhecimento.

Turma do centésimo décimo ano da Engenharia em Pernambuco! Parece-me impraticável cobrir a multiplicidade de temas oportunos para abordar numa alocução como esta. Tópicos como "o perfil do engenheiro para o Século XXI", "ética e responsabilidade social" ou "o Engenheiro na sociedade contemporânea" poderiam ser magnificamente desenvolvidos. Cabe uma escolha. Eu não pretendo traçar pretensos cenários do que vos aguarda, menos ainda ministrar recomendações comportamentais, hodiernamente em voga. Conselhos prosaicos para o sucesso garantido: "Seja o melhor", ou "como se tornar um vencedor"! Coisas do tipo *American way of life*. Não, meus caros. *Vanitas* (vaidades). Regras freqüentemente apócrifas. Ao invés de uma apologia à cultura do vencedor, gostaria de improvisar um elogio sincero à individualidade – Cada qual tem sua trajetória própria, peculiar. Bravíssimo ao laureado de turma: não menos àquele que afrontou contratempos quase intranspo-

níveis para a sua envergadura. Ainda que me considere de precária competência para vos aconselhar, ouso, por dever do ofício, expor parcos aconselhamentos, sem vultosas expectativas. Não pauteis vossas carreiras de engenheiro pelo sucesso, cargos ou ganhos; ao invés disso ponhais a maior emoção e vida em vossa profissão. Matematicamente, *é condição necessária, porém não suficiente*, se amar o que se faz. Jamais sereis plenos, se não estais contentes com o que fazeis. Perseverar, persistir, insistir e uma pitada de audácia para fugir dos *caminhos batidos*.

Agora, mais do que nunca, fazeis parte da elite intelectual. Mas o que de facto é relevante? O que estaremos nós improvisando em nossa passagem? O que significa existir? Como um fósforo, acendemos, brilhamos e ao cabo de tudo, apagamo-nos. Interagir, eis a chave. Interação entre pessoas. Resta pouco de nós em cada um que influenciamos. Os filhos são invariavelmente os mais notáveis. A resposta não é "eles são o nosso sangue" (mas porque permanece neles muito de nós). Ora, conservamo-nos também parcialmente em tantos outros... Daí nossa satisfação de ter influído em vossas vidas. Agrada-me de modo singular, a abordagem do etnólogo e escritor francês Georges Battaille. A vida se caracteriza por uma sucessão errática de descontinuidades, intercalada por estações de continuidade. As cerimônias são características de ocasiões decisivas, que marcam as descontinuidades. Na roda viva, todos os dias afiguram-se análogos. Cabe-nos marcar as descontinuidades. Exemplos destas situações incluem a natividade, o batismo, formatura de ABC, o namorado, o vestibular, a

primeira relação, a formatura, o casamento, nascimento de filhos, até o óbito. Discorro sobre descontinuidade na linguagem de engenheiros. O comportamento de uma função derivável sofre pontualmente uma singularidade e passa a adotar um comportamento distinto. Rompe-se um ciclo! Hercúlea jornada e quanto mérito ela careceu! Asseguro à audiência que árdua foi a empreitada. Doravante, vós sereis engenheiros, em cada nobre e particular modalidade da engenharia. O quanto brotou e quanto aqui foi edificado! Decerto, experimentais agora uma nostalgia da continuidade perdida. Uma atmosfera de saudade, uma incerteza e uma cobiçınquietante de desafio e porvir. é ainda ocasião para memórias, tanto para vós, quanto para mim. As nossas lembranças estão avivadas e fluem em *flash-back*, como num curta-metragem. De minha parte, tento esquivar-me e sem sucesso, transporto-me a 1980. Emergindo de um letargo, vejo-me tomando assento, idealista e púbere como vós, partilhando a felicidade de conquistar um título de Engenheiro. Ah!, eu conheço esta sensação. Inquietando-se com o futuro. Sim, o futuro. A incerteza e inquietação. Importa uma mensagem tranqüilizadora: Quaisquer que sejam as vossas decisões, apesar de conseqüências distintas, provavelmente não conduzirão a caminhos errados, tampouco corretos, apenas díspares. Valho-me também desta ocasião para externar minha apreensão. Nas Instituições Federais de Ensino Superior, há uma transformação em marcha... A ordem do dia impõe novos padrões. Soam prodigiosos, todavia não cuidemos de máscaras. Assistimos, entorpecidos, a *desconstrução* das instituições federais de ensino superior, um processo semelhante àquele advindo com

o ensino fundamental, décadas atrás. Praticamente não há carreira docente, nem reposição adequada dos quadros funcionais. Greves reiteradas e calendários acadêmicos estapafúrdios. A excelência acadêmica anda ameaçada; atividades ditas empreendedoras, freqüentemente eclipsam o autêntico magistério. Traduzindo fielmente o paradigma inexorável aos gestores e órgãos de fomento no mundo inteiro, o cientista francês Jacques Testard constata: «Não é possível fazer ciência de forma independente. Não existe mais a vontade gratuita de obter conhecimento. Toda pesquisa tem finalidade, que é buscar inovações. Uma experimentação permanente, alimentada pelo mercado, em nome do progresso». Permitais corrigir a assertiva: quase em extinção. Vejo em mim espelhado, crepúsculos tênues do principal protagonista na ficção Brave new world – *Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley. Um membro docente sem empresa é um reles professor, pouca valia possui. O vocábulo fica relegado aos técnicos de futebol: os novos agentes são ditos "gestores avançados do ensino". Por tudo isto, meu tirocínio persiste assombrado com a ênfase nas aparências, possibilitando a literal aplicação do adágio *ut aliquid fieri videatur*[3]. A universidade brasileira é a derradeira atingida pela inovação política: o sistema de cotas de vagas. A Universidade afastar-se de constituir local para a elite intelectual e desanda a um balcão de ajuda social! O cerceamento em qualidade lhe será correspondente.

Queridos engenheiros. Aqui na universidade, vós vivestes episódios inesquecíveis; conquistastes conhecimentos e coletastes legítimos amigos. Quantas vezes, em face de vós,

defendi apaixonadamente esta instituição! Tomando a liberdade de me expressar pelos demais colegas, nós que tivemos o privilégio de vos acolher, asseguramos que a casa em que ora vos graduais, ininterruptamente será a vossa (casa). Permitais que remate congratulando-me aos vossos pais, artífices basais desta vitória, com o sincero anseio de copiosas conquistas profissionais e pessoais a cada um de vós. Se estiverdes felizes e vossa família altiva, nós da UFPE nos confessamos co-participes. Ides determinados, orgulhosos, porém sem alarde, em busca do futuro, sempre construindo e *engenheirando*... Afinal, o vento da biografia de cada um de nós sopra quase sempre tempestivamente. Parabéns, queridos novos Engenheiros. MUITO OBRIGADO!

comentários –

1 – "Tu te tornas eternamente responsável por tudo aquilo que cativas"

2 – (se bem com faculdade de ser maléfica...)

3 – (para dar a impressão que se faz algo).

N.B. As citações não foram introduzidas como demonstrativo de erudição, mas por serem oportunas.

Capítulo 3

alocução

3.1 Formandos UFPE de 2006.1

ALOCUÇÃO PROFERIDA EM 30/10/2006
Paraninfo da Turma de Engenheiros do Centro de Tecnologia e Geociências.

Magnífico Reitor Amaro Pessoa Lins; correção: Magnífico Reitor Engenheiro Amaro Lins. Mui Ilmo Diretor do CTG, demais membros da mesa e autoridades presentes. Colegas homenageados. Meus senhores, minhas senhoras. Caros formandos. Coube-me o privilégio de conduzir as calorosas congratulações aos novos colegas de profissão, os Engenheiros 2006.1. Porém antes de vos saudar, revelo em meu nome e em nome dos demais paraninfos, que nos concedestes honraria inigualável e tal preferência em momento decisivo de vossas vidas expõe, antes de tudo, um apreço que nos toca. Rogo-vos que acrediteis na lisura da nossa gratidão. Coube-me, também, a intricada tarefa de orador, embora sabedor que um espírito eminente a exerceria melhor. Não obstante, faço-o com o mesmo júbilo que acolhi a

oportunidade de influir – o pouco que seja – em vossas vidas, compartilhando a alegria na descoberta das belezas da Engenharia. Agora que vos agradecemos a escolha, digo-vos que buscarei retribuir à vossa confiança. Afastar-me-ei, entretanto, do domínio em que possuo alguma competência: o domínio técnico.

Asseguro a esta audiência: concluir um curso de Engenharia não constitui uma tarefa trivial. Doravante, vós sereis engenheiros, em cada nobre modalidade da engenharia e esta nova geração de Engenheiros da nossa **UFPE** se lança na aventura da atividade profissional. Agora, mais do que nunca, fazeis parte da elite intelectual. Hoje enfim, a recompensa faz jus ao vosso esforço. Dividamos todos a exultação e um imenso júbilo: formandos, docentes e funcionários, progenitores e parentes dos construtores do futuro e propulsores da sociedade. Engenheiros são reconhecidamente objetivos: vale questionarmo-nos o porquê desta cerimônia. Trata-se de um ritual de passagem. Para marcar o fato, permitir relembrá-lo, e prestar homenagens a quem foi peremptório neste aprendizado: Os pais, responsáveis, cônjuges, colegas e docentes. Cabe também um momento de reflexão e quiçá parcos aconselhamentos. Rompe-se um ciclo! Hercúlea jornada e quanto mérito ela careceu! Quanto foi construído neste tempo de continuidade! Decerto, haverá tempo de nostalgia da continuidade perdida, forjada na convivência diária de cinco anos de currículo. Há um ar de saudade, um "que" de perda, um temor e um gosto inquietante de desafio e de porvir. Eu não pretendo traçar nesta alocução, conselhos para o sucesso garantido ou pre-

tensos cenários do que vos aguarda, menos ainda ministrar recomendações comportamentais, hodiernamente em voga. Ainda que me considere de precária competência para vos aconselhar (ou a quem quer que seja), sou forçado *ex officio*, a emitir ditames. Ouso assim vos dirigir malfadadas "prescrições", mesmo sem maiores expectativas. Tenhais a dignidade como escopo, a motivação como arrimo e o trabalho como meio. Não pauteis vossas carreiras de engenheiro pelo sucesso; ao invés disso ponhais emoção e vida em vossa profissão. É condição necessária, porém não suficiente, amar o que se faz. Um bom poeta ama a poesia, um bom músico, a música. A Engenharia deve ser assim: quem a pratica recolha-a como um dom inestimável, nunca como obrigação penosa. Perseverar, persistir, insistir e uma pitada de audácia para fugir dos "caminhos batidos".

Cabe também outra reflexão. Assistimos críticas reiteradas sobre as universidades públicas, apresentando dados enviezados, argumentando aparente ineficiência e gastos astronômicos. Acusa-se a universidade de acolher quase que exclusivamente a elite financeira. Os dados colhidos no último **ENAD**[1] (antigo provão), indicam que 33% dos formandos são oriundos e famílias com renda até 3 salários mínimos, esta cifra elevando-se para 82% para famílias com até 10 salários mínimos. No geral, 70% tiveram uma formação mista entre escolas públicas e privadas e apenas 30% dos alunos são provenientes exclusivamente da escola privada. E como marcha a pesquisa científica nacional? Dar-se-á caso que é apoiada nas últimas décadas? Espanta-me o discurso de políticos de todos as matizes, assegurando

reconhecer o papel da ciência e tecnologia para o avanço do país. As cifras são pífias. O Brasil totaliza 8.814 pesquisadores **CNPq** (período 2001-2006)[2], resultando em 44 pesquisadores por milhão de habitante. A discrepância é enorme. Dos vinte e sete estados da federação, quatro deles (SP, RJ, MG e RS) detêm 80% dos pesquisadores, e pasmem, 14 unidades da federação somadas contribuem com apenas 2%. Pernambuco contribui com modestos 3% dos pesquisadores nacionais (256 em todas as áreas do conhecimento), o que representa 32 pesquisadores/milhão de habitantes. É pouco. Muito pouco.

Proliferam discursos sobre uma universidade pública e de qualidade. Mas que qualidade se refere tais assertivas? De qualidade duvidosa? Cuidemos antes que assim o seja. A ordem do dia impõe novos padrões. Soam prodigiosos, todavia não cuidemos de máscaras. Ouço em conferências modismos de *Doctus cum libro* tais como "O *middleware* é uma instanciação do *framework* arquitetural" – pura ciência! Considera-se que os professores universitários devem ser empreendedores e captadores de recursos, gestores da tecnologia. O valor da transmissão de conhecimento foi deletado. O próprio termo professor ficou hoje mais bem aceito para técnicos de futebol. O único reconhecimento e apoio aos que se dedicam ao magistério são as homenagens prestadas pelos formandos. Isso para eles se investe de significância. O mote a discutir é a igualdade. A esse propósito, convido-vos a refletir. Em cerimônia similar a esta em 1921, ao paraninfar formandos de Direito, Rui Barbosa proferiu em discurso[3] (*sic*): «[...] *A regra da igualdade não consiste se-*

não em quinhoar desigualmente os desiguais, na medida em que se desigualam. [...] Tratar com desigualdade a iguais, ou a desiguais com igualdade, seria desigualdade flagrante, e não igualdade real. [...]».

É ainda ocasião para memórias. Impossível esquivar-se de nostalgia. Em dezenas de solenidades estive presente, relembrando-me em espera ansiosa, como vós, almejado o diploma. As nossas lembranças, reminiscências de uma pulcra temporada, fluem avivadas em *flash-back*. Emergindo de um letargo, vejo-me tomando assento, púbere como vós, partilhando a felicidade de conquistar um título de Engenheiro. Ah!, eu conheço a sensação. Inquietando-se com o futuro. Sim, a incerteza e inquietação. Ainda mais profícuo nesta ocasião, acredito que seja a mensagem tranqüilizadora: *qvo vadis*? "Não temais as bifurcações na vida". É sempre inquietante quando nos defrontamos com uma decisão capital como hoje, que conduz a cenários dessemelhantes. Não há caminhos corretos – há somente caminhos diferentes. Não hesiteis em decidir: Quaisquer que sejam as vossas decisões, apesar de conseqüências distintas, provavelmente não conduzirão a caminhos errados, tampouco corretos, apenas díspares. Caros engenheiros. Aqui nesta universidade, vós vivestes episódios memoráveis; conquistastes conhecimentos e coletastes legítimas amizades. Tomando a liberdade de me expressar pelos demais colegas, nós que tivemos a honra de vos acolher, asseguramos que esta gloriosa casa ininterruptamente será vossa. Permitais que remate congratulando-me aos vossos pais, artífices basais desta vitória, com o anseio de conquistas profissionais

e pessoais a cada um de vós. Se, posso me sentir orgulhoso de ter construído algo, confesso-me altivo em ter influído em vossas vidas. O momento clama pela citação de Virgilius[4]: *O terque quaterque beati!* Se felizes estiverdes e vossa família altiva, todos da UFPE nos confessamos co-participes. A vida é uma dádiva – e o futuro inteiramente vosso. Nietzche nos ensinou que o homem não é princípio nem fim, mas uma ponte – uma frágil e magnífica estrutura que pavimenta a estrada do passado com algum futuro do qual somos elaboradores. À vós mocidade, a palavra e a ação. Ides determinados, semeiem pelos vossos caminhos, orgulhosos, porém sem alarde... Afinal, se o futuro se constrói, os Engenheiros estão entre os que mais constroem...
Parabéns, queridos Engenheiros.

MUITO OBRIGADO!

comentários –

1 – http://enade2005.inep.gov.br

2 – http://www.cnpq.br/estatisticas/index.htm

3 – Rui Barbosa, Oração aos Moços, RJ: Nova Aguilar, 1995.

4 – Citação de Virgǐlius ao referir ao superlativo de feliz

Capítulo 4

alocução

4.1 Formandos UFPE de 2006.2

ALOCUÇÃO PROFERIDA EM 18/04/2007
Paraninfo da Turma de Engenheiros do Centro de Tecnologia e Geociências

Magnífico reitor da UFPE, Professor e Engenheiro Amaro Pessoa Lins, Mui Ilmo. Diretor do CTG, demais membros da mesa e autoridades presentes. Colegas professores. Meus senhores, minhas senhoras. Caros formandos. Coubeme o privilégio de conduzir a saudação panegírica aos meus novos colegas de profissão, os Engenheiros 2006.2. Faço-o com o mesmo júbilo que acolhi a regalia de conviver convosco e influir em vossas vidas, compartilhando a alegria na descoberta das belezas da Engenharia. Honra-me estar pela sétima vez[1] na condição de paraninfo de uma turma de jovens propulsores da sociedade. Escolha esta realizada entre uma meia centena de professores que tivestes durante todo o curso! O fato de ter sido iteradamente escolhido paraninfo pode conduzir alguns a acreditar que me

constitui quase um lugar comum. Pura falácia! Asseguro-vos que experimento a mesma alegria que senti ao ser homenageado a primeira vez há um quarto de século. Se minha contribuição é modesta, ao menos ela provém do âmago e isto, pareceis reconhecer. Todavia uma boa palestra de ciência e engenharia me seria mais simples. Mas como docente, acolho esta incumbência como o melhor dos mimos. De fato, considero-a a maior que se possa outorgar a alguém que se intitula professor e revela um apreço que me toca profundamente. Decerto os demais homenageados vos guardam sentimentos análogos. Rogo-vos, pois, que acrediteis na lisura da gratidão de todos nós. Na universidade, há pesquisadores, cientistas, educadores, professores. A tarefa do mestre é despertar a alegria de trabalhar e conhecer. O cientista busca conhecer como o mundo funciona, mas é o engenheiro quem põe esse conhecimento científico em prática. Os engenheiros são sinônimos de *Homo laborans* e aos meus novos colegas, não lhes hão de faltar desafios a sobrepujar.

Agora fazeis parte da elite intelectual de Pernambuco. Hoje enfim, a recompensa faz jus ao vosso esforço. Nesta ocasião, vale questionarmo-nos o porquê desta cerimônia. Trata-se de um ritual de passagem: E os ritos estão para o tempo assim como nossos lares estão para o espaço. Objetivamente, o que seria oportuno abordar aqui? Há tantos e tão variados temas, excitantes e provocantes! Apenas para citar alguns, poderíamos abordar "a importância do Engenheiro na Sociedade contemporânea". Ou quem sabe, a nossa centenária **Escola de Engenharia** poderia constituir o foco

principal. Talvez ainda mais proveitoso, discorrer sobre os desafios que esperam os novos engenheiros. Não, meus caros! Eu não pretendo traçar pretensos cenários do que vos aguarda nem ministrar recomendações comportamentais. Faço minha as palavras de Antoine de Saint-Exupéry: «*O homem é só um laço de relações, apenas as relações contam para o homem*». Doravante, vós sereis engenheiros, em cada nobre e particular modalidade da engenharia. O quanto brotou e quanto aqui foi edificado nesta temporada! Decerto, todos temos a nostalgia da continuidade perdida. Há um ar de saudade, um temor e um gosto inquietante de desafio e de porvir. Criticas recebi, argumentando desnecessário aos moldes hodiernos, uma alocução considerada densa. Não seria esta prerrogativa quase exclusiva de algumas áreas? Ora, considero subestimar parcela substancial esta audiência! Aqui lhes respondo: ocasiões notáveis requerem trajes e oratória adequados. E afinal, esta é uma casa do saber. E discordo dessa pouca valia atribuída à língua pátria a qual tem gerado "doutores" com ortografia e estilo inferior a muitos possuidores do antigo curso primário. Falemos então da palavra de ordem: Tecnologia. Ah, maravilhosa tecnologia! O agente da riqueza, das transformações, do conforto e do bem-estar para os homens. Definimo-la como o estudo de técnicas cujo objetivo capital é aprimorar a vida das pessoas. As máquinas são produto do homem, e como tal, elas são parte da sua cultura. Permita-me vos lembrar que a Engenharia não deve se satisfazer em ser *unidimensional*. Outra ocasião eu externei tal argumento e fui surpreendido por colegas mencionando não haver compreendido o que tencionava expressar: Senhores, a engenharia

é multifacetada e não se reduz aos aspectos técnicos. A tecnologia avança em passos céleres. As perspectivas são fantásticas, bem o sabeis, mas também acarretam enorme responsabilidade e gravíssimos perigos para a vida social. Cabe refletir: *como e para quem a Tecnologia*? Porém, acusá-la e reprimir seus desenvolvimentos é um modo simples de indultar o homem e a sociedade de suas culpas. Não poderia também deixar de expressar a minha inquietação com o excessivo mercantilismo do ensino superior que vem se impondo como um *leitmotiv* do novo modelo educacional. Esta nova onda vem mesmo atingindo as universidades tradicionalmente comprometidas com o saber. Ainda que me considere de precária competência para vos aconselhar, a isso sou forçado sou forçado por dever de ofício. Ouso, a contragosto, vos dirigir prescrições, mesmo sem maiores expectativas. Não pauteis vossas carreiras de engenheiro por cargos ou ganhos; mas, sobretudo, ponhais emoção e vida em vossa profissão. A Engenharia deve ser assim: quem a pratica, recolha-a como um dom inestimável, nunca como obrigação. Perseverar, insistir e principalmente exercitar o *sapere aude* de Immanuel Kant – ousa fazer uso de tua razão. É ainda ocasião para memórias e nostalgia. Remonto à época em que a maioria de vós sequer existia, quando compartilhei a felicidade de galgar idêntico título de Engenheiro. E eu bem relembro a sensação de incerteza e inquietação com o futuro. É sempre assim quando nos defrontamos com uma decisão capital. Porém não hesiteis em decidir: não há caminhos corretos – há tão somente caminhos díspares. As sociedades contemporâneas descortinam um horizonte de desafios postos ao futuro da espécie,

a maioria deles aparentemente intransponível. Se a dramaticidade de tais problemas tende a gerar uma apatia – causada diante do turbilhão de transformações tecnológicas hodiernas e de suas conseqüências sem precedentes – e certo desanimo no enfrentamento de questões dessa magnitude. Eu mesmo me defronto freqüentemente ao espelho com esta impotência e desencanto, então mergulho no niilismo. Mas, felizmente, existem os jovens como vós. Devemos ter em mente o dito do filósofo francês Gilles Deleuse (1925-1995) acerca desse horizonte: *Não cabe temer ou esperar, mas buscar novas armas...*
Para evocar uma visão local, recito-vos trecho de um poema de Gilberto Freyre[2]:
Eu ouço vozes
Eu vejo cores
Eu sinto passos
De outro Brasil que vem aí
Mais tropical
Mais fraternal
Mais brasileiro
(...)
Mãos brasileiras
Brancas, morenas, pretas, pardas, roxas
Tropicais
Sindicais
Fraternais.
Eu ouço as vozes
Eu vejo as cores
Eu sinto os passos
Desse Brasil que vem aí.

Um Brasil que se constrói! À vós, juventude, cabe a palavra e a ação.

Caros engenheiros. Vazei nesta alocução o meu espírito para vos transmitir meu apreço e gratidão. Aqui, vós vivestes episódios memoráveis; conquistastes conhecimentos e coletastes amizades. Em cada dentre aqueles que vos acompanharam durante esta magnífica jornada, deixastes marca indelével. Decerto, uma relação de equivalência na acepção matemática do termo: **reflexiva, simétrica e transitiva**. Tomando a liberdade de me expressar pelos demais colegas, nós – que tivemos a honra de vos acolher – asseguramos que esta casa, sempre será vossa. Concluo congratulando-me aos vossos progenitores e familiares, artífices desta vitória, com sincero anseio de conquistas profissionais e pessoais a cada um de vós. Se, uma vez mais me sinto altivo ter construído algo, confesso-me orgulhoso em ter influído em vossas vidas. E todos da UFPE nos confessamos coparticipes. Citando novamente Antoine de Saint-Exupéry, «*Na vida, não existem soluções. Existem forças em marcha: é preciso criá-las e, então, a elas seguem-se as soluções*». Ides, edificando caminhos pelos vossos caminhos, forjando o destino e o futuro! Parabéns, meus queridos colegas ENGENHEIROS. MUITO OBRIGADO!

comentários –

1 – E trinta vezes professor homenageado.

2 – Gilberto Freyre (1900-1987) O outro Brasil que vem aí. Poesia

Capítulo 5

alocução

5.1 Formandos UFPE de 2008.2

ALOCUÇÃO PROFERIDA 02/03/2009
Paraninfo da Turma de Engenheiros do Centro de Informática da UFPE

(Representante do) Magnífico Reitor da UFPE, Ilmo Diretor do CIn, demais componentes da mesa e autoridades presentes. Colegas docentes. Meus senhores, minhas senhoras. Caros novos colegas Engenheiros de Computação e formandos em Ciência da Computação. Com a mais franca efusão, venho reiterar-vos quão sensível sou ao mérito que me concedem através deste vosso tributo. Um apreço incalculável, este agradável convívio convosco e oportunidade de nos influenciarmos reciprocamente. Confesso-vos, surpreende-me tal escolha frente à plêiade de colegas. A título elucidativo, contabilizando 10 semestres com oferta média de seis cursos semestrais, a escolha honrosa e livre dos homenageados é feita sobre mais de meia centena de docentes. Todavia, em que pese o fato de eu não atuar diretamente na

área de computação, partilho a visão comum a todos nós Engenheiros, que sempre defendi com convicção. Hoje, a beira dos meus 50 anos, mais da metade dedicado ao ensino superior, vibro em dividir esta alegria convosco. Ouso assim fazer-me porta-voz dos agradecimentos sinceros de todos os homenageados, em estação decisiva de vossas vidas. Saibam do júbilo e reconhecimento em sermos co-participes desta jornada. Esta cerimônia me imprime um caráter memorável: Além de coincidir a colação do vosso grau com a minha comemoração de 25 anos ensinando nesta egrégia universidade, sou agraciado em paraninfar simultaneamente as turmas de Engenharia de Computação e Engenharia Elétrica. Permitais, em primeiro lugar, congratular-me aos vossos progenitores, artífices basais desta conquista. A festa é também vossa: sinceras felicitações pelo esplêndido triunfo. E como não admirar uma área desenvolvida por gigantes do quilate de von Neuman, Alan Turing, Claude Shannon, Gregory Chaitin, Donald Knuth, Denis Ritchie, e tantos outros? Como as coisas evoluíram! Em 1943, Thomas Watson, então Presidente da IBM, cita: «Penso que haverá um mercado mundial para talvez cinco computadores». Em 1949, a revista *Popular Mechanics Magazine* publica a manchete: Computadores no futuro terão mais que mil válvulas e provavelmente pesarão mais de uma e meia tonelada. Em 1950, Howard Aiken, Projetista-chefe do Mark I afirmava: «Nunca existirão problemas suficientes para exigirem mais de um computador trabalhando nele». A primeira calculadora de quatro operações surge em 1972. Em 1977, Ken Olsen, Fundador da *Digital Equipment Corporation* explicava: "Não há nenhuma razão para que alguém deseje ter um

computador em sua própria casa". Em 1979 Seymour Rubinstein introduz o primeiro editor de textos. E Bill Gates clamava em 1981: «640K deverá ser suficiente para qualquer um». Até em 1991, Brad Silverberg, Vice-presidente da Microsoft, explicava que «DOS restará eternamente conosco. Aprendemos quão apaixonadamente as pessoas são com o DOS». O cenário hodierno é bem diferente... O brilhante Douglas Engelbart clama com razão que a revolução digital é de longe mais revolucionária que a invenção da escrita ou mesmo da imprensa. Asseguro a audiência: Esta turma representa a quintessência da Elite intelectual dos quase 10 milhões de pernambucanos – 1% destes corresponde a 100.000 habitantes. Haverá porventura mais que esta fração com nível igual ou superior ao vosso?

Engenheiros sereis! Aos que lidam com a tecnologia importa refletir sobre o futuro: eles são ainda mais responsáveis – edificam a face que ele assumirá. Vedes, pois, que a Engenharia vos oferece bem mais para **Vênus** que para **Medusa**. Na qualidade de engenheiros, vale questionarmo-nos sobre esta ocasião. Trata-se de um ritual de passagem. O porquê desta cerimônia? Para marcar o fato, permitir relembrá-lo posteriormente, e prestar homenagens a quem foi peremptório neste aprendizado: Os pais, responsáveis, cônjuges, colegas e docentes. Cabe também um momento de reflexão e quiçá aconselhamentos. Ainda que me considere de parca autoridade para vos aconselhar, disto não posso me eximir, *ex officio*[1]. Homens razoáveis se adaptam ao mundo. Os não razoáveis adaptam o mundo a si. Por isso todo progresso depende destes últimos (Bernard Shaw

(1856–1950)). Agora, muitos caminhos distintos serão trilhados. Dúvidas salteiam o íntimo de qualquer formando. Há uma atmosfera de saudade forjada na convivência de anos de currículo. Despedidas invariavelmente nos salgam, olhos e mais, e pesam toneladas. Contudo *Jamais temais as bifurcações na vida*. Conclamo-vos: são horas para a luta! Mas atenção: Citando Jean Rostand, «*Il ne faut pas confondre le succés et le mérit*» (Não se deve confundir sucesso com mérito). Ide, não apenas cavalgando o corcel alado da ousadia, mas também o dócil asno da paciência. O futuro, a espreita, delinear-se-á. Lembro-vos a citação de Arthur Clarke: «Quando um cientista estabelece que algo é possível, ele está quase sempre correto. Quando ele clama que algo é impossível, ele está muito provavelmente errado». Também ocasião de memórias. Impraticável esquivar-me de nostalgia. O ano era de 1980. Em imagem especular, revejo-me em espera ansiosa, idealista quanto vós, almejando o diploma de Engenheiro. Que em vós, como em mim, não se extinga a chama. Aproveitemos à nova aragem que sopra, lembrando que «*Vento algum é favorável para aqueles que não sabem aonde querem ir*» (Sêneca). Encarai, púberes colegas, esta admirável estrada e brisa. Edificai com o coração casto. Não hajais receio a que o destino vos ludibrie. Mais pode que os seus azares a tenacidade, o entusiasmo e a eqüidade. Meu franco abraço e meu anseio de realizações profissional e pessoal a cada um dentre vós. Boa caminhada em vossa porvindoura e belíssima profissão... MUITO OBRIGADO...

1 – cabe uma explicação à menção reiterada da expressão: não me agrada aconselhar ninguém. Em formaturas, isso é esperado e praticamente compulsório.

Capítulo 6

alocução

6.1 Formandos UFPE de 2008.2

ALOCUÇÃO PROFERIDA 14/01/2009
Paraninfo da Turma de Engenheiros do Centro de Tecnologia e Geociências

Turma: EletronicaMente.

Magnífico Vice-Reitor da UFPE, Prof. Gilson Edmar Silva, representante do Magnífico Reitor Amaro Lins, demais componentes da mesa e autoridades presentes. Colegas docentes. Meus senhores, minhas senhoras. Caros novos colegas Engenheiros. Urdiu a causalidade para que se entrelaçasse a colação do vosso grau com a minha comemoração jubilar[1] na nesta egrégia casa, dando-me a honra de vos ser eu homenageado. Forjastes, desta maneira, no ingresso à carreira que adotastes, um vínculo que me é caro. Surpreende-me, entretanto, esta escolha iterada, frente à plêiade de colegas do corpo docente. De modo iterado, venho escutando: novamente paraninfo? Ora, deve ser lugar comum[2]. Ledo

engano! Seria a vinda do 2°, 3° ou 10° filho menos admirável? Entretanto, a vossa escolha recai sobre alguém considerado em demasia formal, agnóstico, protocolar, por demais conservador para os padrões hodiernos. Não obstante, desculpai-me – colegas e audiência – o desgrenho da alocução e estilo. é que a linguagem científica que me sirvo na minha estrada acadêmica de nada me é favorável. Recebo este convite em compartilhar convosco desta vossa alegria, e faço-me porta-voz dos agradecimentos sinceros pela escolha honorífica e livre, em estação decisiva de vossas vidas. Um apreço impagável, esta oportunidade de nos influenciarmos reciprocamente. Haveis de entender que o Saber guarda duas existências mútuas – uma no sujeito que o possui, e outra nos que contemplam e aproveitam. Saibam da nossa emoção e reconhecimento em sermos co-participes desta jornada que se revela para cada um de vós.

Doravante, Engenheiros sereis! Carreira quase sagrada, desmedida em complexidade, carga e serventia. Se cada um de vós meterdes a mão na consciência, decerto tremerá da perspectiva. Aos que lidam com a tecnologia importa refletir sobre o futuro: eles são ainda mais responsáveis – constroem e descortinam a face que ele assumirá. Reitero, assim, meu manifesto peremptório pró-engenharia sobre as universalidades das suas futuras contribuições da tecnologia para o homem: Vedes, pois, que a Engenharia vos oferece (felizmente) mais para **Vênus** que para **Medusa**. Formulo-vos um apelo à reflexão. Ao mesmo tempo em que experimentamos uma onda de liberalidade sem precedentes,

os mecanismos de controle das pessoas se acentuam. O "politicamente correto" determina as formas do comportamento, talvez com mais força que previamente fez-se na época vitoriana. A auto-estima, o positivismo, o tudo é possível, ditam as cartas hodiernamente e, mesmo que isso traga benefícios, a ênfase é sempre em exacerbá-los. Um culto excessivo as minorias. Avultou outra causa: o exagero pende para o outro lado. E – não me queirais mal se vo-lo digo que nem de longe compartilho simpatia pelos clichês de auto-ajuda, conselhos para o sucesso garantido, e frases de efeito, luminosas, incentivadoras. Menos ainda ministrar recomendações comportamentais, hodiernamente em voga. "Seja o melhor", ou "você pode se tornar um vencedor!" Objetais-me? Acreditem nos seus sonhos é belo e chamativo. Hão de perdoar-me, mas cá em meu canto, prefiro Robert Desnos[3], poeta francês que aprecio, em seu «*um lugar para os sonhos, mas os sonhos em seu lugar*[4]». Não posso me eximir de comunicar-vos aforismos que reputo de algum lustre. Permitir-me-eis vós a temeridade de aconselhamentos? Não sejais como os carneiros de Panúrgio, citando Rabelais[5]: «*Como o sabeis, é próprio do carneiro seguir o primeiro, a qualquer parte que ele vá*». E muita prudência à poderosa posição de Engenheiro. Platão[6] descreve com propriedade o mito de Giges, um honesto pastor, no Reino da Lídia. Ao conseguir um anel mágico de invisibilidade, começa cometer toda sorte de injustiças. A poder e a garantia de impunidade leva o homem à tentação de cometer atos reprováveis. Crises bastante atuais no país. Aqui já vão longos séculos. Admirável cientista e filósofo do Século XVIII, antecessor do iluminismo, Julien Offray de la

Mettrie[7] já professava mais do que o *sapere aude* Kantiano, em sua apologia a autodeterminação do indivíduo: a capacidade de servir-se da razão sem outrem ou convencionalismos. Digo-vos:«primeis vós pela independência intelectual, fortuna maior de um Homem». Aproveito esta ocasião para externar minha inquietação com o destino do ensino superior no Brasil. Universidade é local de elite, única e exclusivamente intelectual. O termo primitivamente empregado para estudos superiores era *studium previlegiatum*, sendo a denominação universidade surgida pela primeira vez circa 1208, em documento do Papa Inocêncio III, dirigido ao *studium generale parisiense*, onde se fala de *universitas magistrorum*. A atribuição de cotas e mais cotas com preocupação social é *aberratio ictus*[8]. Breve, 100% de cotas para alunos carentes. Quem sabe, cotas para analfabetos, pois estes são marginalizados. Cotas de re-socialização de prisioneiros de alta periculosidade (soa bonito!). Do bordão: "Governo de todos" poderemos caminhar para "universidade de tolos"[9]. A continuar assim, permitam-me um exercício de vaticínio: "Nenhum de vós tereis filhos estudando nesta casa". Do lado do ensino, a excelência acadêmica tem hoje uma acepção que eclipsa o autêntico magistério: um reles professor, pouca valia possui. Há apenas uma dicotomia de alternativas: os docentes são empresários, ou monstros em publicações indexadas, patentes e curricula vitae arrebatadores, porém sob aulas medíocres. *Doctus cum libro*! Sob exame minucioso, em ambos os casos, muitas vezes se revelam *Bobo sapiens* (taxonomia que cunhei para denotar certa espécie de colegas[10]). Daí a gravidade que atribuo à vossa escolha: A maioria dos docentes aqui

homenageados não é de pesquisadores de mega-CVs, nem mega-empreendedores: são professores, por vezes olhados de soslaio pelos pares que se julgam "mais nobres", alguns classificados como baixo clero. Estes que ora homenageais, *res non verba*, vão com a citação de Anatole France[11]: «*A plena arte de ensinar é somente a arte de despertar a curiosidade natural em mentes jovens com o propósito de depois satisfazê-las*».

Dando o pano a essa veleira escuna da mente, é ainda ocasião para reminiscências. Impraticável esquivar-me de nostalgia. Formatura. O ano era 1980. Colocação estável na CHESF e em entrevista com Marcos Magalhães (Philips na América Latina), ficou-me oferecida vaga de engenheiro na Philips. Em conversa com meus pais, contei-lhes que tencionava ingressar na pós-graduação recém-criada na UFPE. Teria eu o apoio para tal empreitada? Consultei-lhes inquieto, pois não asseguraria emprego estável e nem rendimentos auferir. Eles teriam que continuar me sustentando na capital, pois o curso de mestrado era recente, não tinha bolsas disponíveis. Sem hesitar um segundo, ouvi um apoio irrestrito. Cá estou. Hoje, a beira dos meus 50 anos, mais da metade dedicado ao ensino superior, vibro em repartir esta alegria convosco. Dúvidas, incertezas e inquietações salteiam o espírito de qualquer formando. Há uma atmosfera de saudade, de perda das relações forjadas na convivência diária de anos de convivência. Mas, face à vós, frente a idade, posso vos comentar *ex cathedra* uma passagem tranqüilizadora: "Jamais temais as (muitas) bifurcações na vida". Falemos também deste Estado da Federação que vos acolhe. Bravo Pernambuco, que viu no Sé-

culo XVI nascer Bento Teixeira[12], o primeiro poeta de Santa Cruz e onde se fundou o primeiro templo de Gutenberg no Brasil[13]. Relembro-vos neste ensejo um curto trecho de autoria de Gonçalves Dias[14] em I Juca Pirama:

«*Sou bravo, sou forte*
Sou filho do norte;
Meu canto de morte
Guerreiros, ouvi.»

Renato Campos em ensaio sobre Joaquim Nabuco[15], escreve: «*Se um Estado da Federação fosse escolhido para representar D. Quixote, seria Pernambuco: não lhe faltam magreza, loucura e sonho para tanto*». Pernambuco: Eis a verdadeira elite dos teus filhos!

Finda assim a contagem para chamar-vos, com uma pitada de altivez – meus colegas. Aproveitemos à aragem que sopra, lembrando que "Vento algum é favorável (apenas) para aqueles que não sabem aonde querem ir"[16]. Porém encarai, jovens engenheiros, esta admirável estrada e brisa. Edificai. E segui, com o coração casto. Não hajais receio a que o fado vos ludibrie. Mais pode que os seus azares o afinco, o entusiasmo e a eqüidade. Ocasião propícia para tributar o meu abraço franco e anseios de sucesso profissional e pessoal a cada um dentre vós. Permitais que remate congratulando-me aos vossos progenitores, artífices desta conquista. A festa é vossa: Qual Julius Cæsar[17], podeis clamar: *Vēnī, vīdī, vīcī*. Conclamo-vos: ide, correi que por vós evoca o futuro e a orbe!

MUITO OBRIGADO

comentários –

1 – 25 anos de docência no Depto de Eletrônica da UFPE.

2 – 10[a] turma de formandos que tenho a honra de paraninfar.

3 – (1900-1945), poeta francês.

4 – *une place pour les rêves, mais les rêves à leur place*.

5 – *Comme vous savez, estre du mouton le naturel, tousjours suivre le premier, quelque part quíll aille*. In: Pantagruel, Rabelais (c.1494-1553).

6 – (c.327-347)

7 – (1709-1751)

8 – erro de alvo.

9 – é óbvio que a criação novas vagas e a interiorização dos *campi* são imprescindíveis e bem-vindas...

10 – Espécie de paródia ao *homo sapiens*.

11 – (1844-1924)

12 – (c.1550-1600)

13 – (typographia extinta pela ordem regia de 8/7/1706)

14 – (1823-1864) 15 – (1849-1910) 16 – (Sêneca, 4 a.c-65 d.c.).

17 – (47 AC). Clássico: Vim, vi e venci.

Capítulo 7

alocução

7.1 Formandos UFPE de 2011.1

ALOCUÇÃO PROFERIDA 20/09/2011
Paraninfo da Turma de Engenheiros da Computação do Centro de Informática

Magnífico Reitor da UFPE, Prof. Eng. Amaro Pessoa Lins, Ilmo diretor do CIn, Prof. Eng. Paulo Freire Cunha, demais componentes da mesa e autoridades presentes. Colegas professores. Meus senhores – mui dignos colegas Engenheiros da Computação e formandos em Ciência da Computação. Se de algum modo eu mereci a fortuna e generosidade da vossa eleição, acolhendo-me à condição de paraninfo, impetro-vos a graça de tolerardes esta alocução precariamente amoldada à moda. Atualmente, muito da formosura da última flor do Lácio[1] é relegada ao derradeiro plano! Argúi a maioria: o fundamental é a inclusão, e proliferam falas medíocres. Ora, bem reconheço que – canhestro– não estou na voga... Enfadará, decerto, muitos dos que se contentam com a "trivia". Mas traduzam

os cuidados que com ela tive – e o tempo consumido em prepará-la – como um sintoma de que não pondero "à ligeira" a vossa magna deferência. Sua vocação própria cada homem tem. A vossa, revela-se e se consolidada aqui. E eu vos digo, caros colegas, que o coincidir da minha já madura carreira com as vossas carreiras nascentes é-me uma honra intensa. E a computação e informática fazem parte de praticamente tudo o que toca nossas vidas. A mesma regra, válida para as demais Engenharias, permanece invariável: A computação permitirá que você faça uma diferença positiva no mundo. Longa e abstrusa jornada de aprendizado, este derradeiro lustro vivido entre as estirpes subterrâneas do mundo acadêmico! Cabível, pois, recordar parodiando Aristóteles que: «*radix ex Erudio es acerbus, tamen fructus est dulcis*[2]». Hoje, a vós, o ensejo de colher os mais doces frutos, razão da presente cerimônia... Na rota da nau indômita do futuro, a tripulação agora sois vós. Ocasião propícia para cada um obsecrar um norte para o seu futuro. Ora, o diploma proporciona uma ampla autoestrada, e com o seu descortino, as múltiplas responsabilidades e incertezas inerentes. Mas, felizmente, o porvir é assaz dilatado para comportar prodigiosas perspectivas!

Espera-se, quiçá, que eu disserte sobre o atual momento de desenvolvimento econômico, as perspectivas do mercado de trabalho, cousas do gênero. Outros o farão. Não espereis que eu tenha a presunção de vos aconselhar categoricamente. Todavia, a estação clama por recomendações e não posso me furtar deste (quase) compromisso. Se assim é, digo-vos. Afazei-vos a pacientar, para lograr a erigir.

Sedes entusiastas, intrépidos, mas não vos reputeis ser o sal da terra. Clamo a citação do brilhante Ralph Waldo Emerson: «*Nothing great was ever achieved without enthusiasm*» [Nenhuma grande realização foi conseguida sem entusiasmo]. Não vos preocupeis com o caricato, e sede vós enérgicos: este mundo mais pertence aos ousados e joviais: *Pro iuvenis quod visum, orbis*! Sedes, sobretudo, tenazes em escavar o manancial, para que (em hora conveniente) no filão abrolhem as gemas preciosas. Lembrem-se, sobretudo, que o intelecto é a mais preciosa chave para todo homem. Possui um leme ao qual obedece e guia.

Membros de uma universidade devem ministrar o conhecimento de estilo a fazer os universitários compartilharem criticamente dele. O catedrático deve constituir uma *ameaça* ao aparelho que o sustenta, um Sócrates destro para *contaminar* os jovens, ensinar-lhes a transgressão e a arte do questionamento crítico, ora submetendo-se às leis que lhe conferiram a estabilidade do sistema. Toda a descoberta da ciência pura é potencialmente subversiva; e por vezes a ciência é tratada como um inimigo possível[3]. Um professor deve estar aprisionado a uma duplo-armadilha: ensinar os estudantes a pensar de modo autônomo, mas ensinar também a acatar (parcialmente) o código rigoroso que impõe freio ao pensamento. E assim eu arrisquei vós transmitir algo...

Toda esta casa está radiante de felicidade. Vitória e júbilo! E não há como esquecer boas e belas lições aprendidas. Quanta dívida às máquinas universais de Alan Tu-

ring, modelo abstrato de computador, que se restringe aos aspectos lógicos e não à implementação física. Ou aos princípios básicos estabelecidos pelo Húngaro Janós Neumann (John von Neumann). O extraordinário teste de inteligência de Turing, proposto nos anos 50. Convido-vos a compartilhar com a citação de Kelvin Warwick[4]: «*é difícil pensar em qualquer área da inteligência humana na qual, dentro de pouco tempo, uma máquina não venha a superar nosso desempenho*». O conceito revolucionário de Informação de Claude Shannon, moeda deste Século, e sua repercussão na ciência, na engenharia e no mundo. Não apenas sobre informação independente de substrato, também sobre a capacidade das máquinas de operarem com lógica simbólica. Lembro também aos senhores que a complexidade de Kolmogorov-Chaitin está para a computação assim como a entropia está para a termodinâmica. Porém, como uma provocação, chamo-vos a atenção sobre o amanhã: ainda que a computação seja um desses campos no qual é quase impossível prever o que vai acontecer. *Tempo temporis ad pondero*[5]. A atual Eletrônica empregada nos computadores tem seus dias contados. A Eletrônica Molecular constituirá tópico fundamental para engenheiros do futuro, assim como a Computação Quântica. Conclamo-vos a interessarem-se por tais desafiantes tópicos!

Hora também de meditar sobre distância e saudades, permeando-nos com preocupações decorrentes de um sentimento de afastamento. Mas, em vossos pueris corações ainda rutila o clarão. E que eles – os vossos corações – permaneçam descontaminados; Para um coração casto não há passado,

nem futuro, tampouco ausência. Ausência, pretérito e porvir, que tudo lhe seja atualidade. Dos amigos recebereis não o que eles possuem, mas sim o que são e o que deles irradia. Encontrar-vos-ão como se não vos encontrásseis – e partirão como se não partissem. Permitais enfim que remate congratulando-me aos vossos progenitores, copartícipes desta conquista. Bravo também a minha *alma mater*, a UFPE! Temos, as vossas famílias, vós, formandos e nós, educadores, um gratificante sentimento de "dever desempenhado" nesta tarefa desafiadora e laboriosa que é concluir integralmente um curso de Engenharia. No entanto, deixem-me finalizar: são horas de recolher as velas ao discurso. Exprimo sinceros votos pessoais de plenas realizações profissionais e pessoais para cada um destes púberes engenheiros. Finda a etapa de preparação para o que virá, dirijamo-nos agora à fase do desafio da Constração do FUTURO, cousa que bem sabe fazer um bom Engenheiro... Eia, brava Inteligência brasileira! Dai-nos o de hoje, que nos falta! PARABÉNS. **E MUITO OBRIGADO!**

comentários –

1 – Lácio, antigo reino na costa ocidental do que hoje é Itália, teve LATINUS como dos dos mais importantes reis. Ligado à origem de Roma.

2 – as raízes da educação são amargas, ainda que seus frutos sejam doces.

2 – N.B. Toda a descoberta da ciência pura é potencialmente subversiva; por vezes a ciência deve ser tratada como um inimigo possível.

Every Discovery in pure science is potentially subversive; even science must sometimes be treated as a possible enemy. "brave new world" chap16. Huxley, Aldous

4 – *UK cybernetics Professor at the University of Reading*

5 – (Tempo para reflexões)

Capítulo 8

alocução

8.1 Formandos UFPE de 2012.2

ALOCUÇÃO PROFERIDA 12 Maio 2013
Paraninfo: Turma de Engenheiros do Centro de Informática

Meus caros colegas, no limiar de formais engenheiros. Cabe-me agora a obtusa tarefa de vos dirigir a palavra, nem exercendo a cátedra, nem tampouco com o intento de me arriscar a vos emitir aconselhamentos. Apenas compartilhando vossa primorosa realização, parabenizando-vos e agradecendo-vos. Entendemo-nos: não tenho aqui a menor presunção de soar cerebral ou sofisticado. Quiçá o estilo por mim adotado esteja relativamente fora de moda, mas cabe mencionar que a sinceridade é provavelmente o único estilo escrito ou falado que jamais passará da moda... Encarem-no como uma devolução minimalista da magnânima deferência, ao incluir meu nome na escolha como homenageado desta turma! E vos afianço: faço-o sob a égide *ab imo pectore meum*[1].

Recebam, através da elaboração desta alocução, uma réplica franca à vossa consideração. Procurei durante vossa etapa de formação, compartilhar com cada um de vós o meu entusiasmo com as belezas e as contribuições da Engenharia para a humanidade. Entre os aforismos de Waldo Emerson, encontramos: «*Nothing great was ever achieved without enthusiasm*[2]»: sejam pois engenheiros entusiasmados. Ora, os engenheiros são os ourives das novas pedras preciosas da humanidade e os artífices do vindouro. Da nau do futuro, a tripulação agora sois vós. Nesta peça teatral que é a vida, em que cada um é um ator, meus votos que vosso papel não seja como o de Pilades, em Electra[3]. Neste ponto, oferecer-vos-ia a lembrança de cultivar atenção na construção do papel que vos incumbe. Pois talentos, cada homem possuem. Que cada um seja sua estrela, comandante da própria luz. Porquanto o pensamento é a chave para todo homem, um leme ao qual obedece. Ides, acelerando as estrelas do raciocínio em direção aos seus alvos brilhantes. O intelecto é uma lanterna que (o homem) dirige para os pensamentos que já se encontram em sua mente: Então, observai que até as quinquilharias que atulham o sótão se tornam preciosas. Com estas lembranças, corrobora-me o sentimento de que pude ter alguma utilidade em provocá-los e despertá-los. Pois segundo A. Einstein, «*The mind that opens to a new idea never returns to its original size*[4]». Ininterruptamente, ocasião para opinar. Bacharel (do latim *baccalarem*) referia-se a um jovem herdeiro de posses ou aspirante a cavaleiro de ordem religiosa. Cursos de teologia e direito o tinham como requisito para ingresso. Este termo parece ser mais bem adequado aos cursos não tecnológicos:

o termo "Bacharel em Engenharia" usado aqui e acolá soa um tanto esquisito, deixeê: afinal, engenheiro basta. Dos sonhos & sonhar, relembro-vos Aristóteles: «*spes est vigilans somno*[5]». A despeito de uma frequente onda de desânimo advinda da constatação dos mecanismos de funcionamento da sociedade, oscilo. Decerto que a parte utopiana que em mim habita, vai e vem – em travessia e regresso – da ponte de Amaurota (capital imaginária da Utopia, T. Morus) sobre o rio Anidro. E ocasiões como esta me acaloram e me conduzem a uma nova travessia. Grato! Conservo e rememoro a citação do poeta Robert Desnos: «*Une place pour les rêves, mais les rêves à leur place*[6]». Entretanto, deixem-me ultimar. Devemos encontrar o final da jornada em cada passo do caminho. Término, que na mitologia romana representava o deus dos limites e fronteiras. O que eu vos posso oferecer[7], senão renovar a minha invariável e permanente disposição em discutir, argumentar, auxiliar-vos em desafios vindouros? «*Neminem laede, imo omnes, quantum potes, juva*[8]» [Schopenhauer]. Uma extensão das congratulações às vossas famílias, e votos de sucesso profissional. Obrigado por cruzarem o meu caminho.

comentários –

1 – do fundo do meu coração.

2 – Sem entusiasmo nunca se realizou nada de grandioso.

3 – uma personagem muda no clássico de Sófocles e de papel pouco significante.

4 – A mente que se abre a uma nova ideia jamais voltará ao seu tamanho original.

5 – A esperança é o sonho do homem acordado.

6 – Um lugar para os sonhos, mas os sonhos no seu (devido) lugar.

7 – se porventura assim desejais...

8 – Procure não prejudicar ninguém e ajude a todos que puder.

Capítulo 9

alocução

9.1 Formandos UFPE de 2013.2

ALOCUÇÃO PROFERIDA 12/05/2014
Paraninfo da Turma de Engenheiros do Centro de Informática

Magnífico reitor da UFPE, Prof. Anísio Freitas Dourado, mui ilustríssimo Sr. Diretor do CIn, prof. André Medeiro Santos. Membros da mesa, colegas e autoridades presentes. Meus senhores e senhoras, meus ilustres novos colegas engenheiros e demais formandos. Uma das finalidades precípuas de uma universidade, e quiçá a mais relevante, é a formação de pessoal. Para os que fazemos todos os semestres a apresentação da maior realização desta universidade, é uma imensa honra apresentar à sociedade os novos formandos desta renomada instituição. A ocasião é festiva! Clama pela merecida comemoração. A área de computação é das mais proliferas e desafiadoras, um dos pilares maiores na construção dos caminhos do novo mundo de modo que a atual cerimônia fica investida de um maior significado.

Decerto, merecidamente vós sois o centro das atenções pela conquista a qual, asseguro a esta audiência, não é uma tarefa trivial. Hora de júbilo e anseios, ao deslindar um rumo para seu porvir e ao descortinar da vida profissional e das responsabilidades a ela inerentes. é a segunda ocasião que me ocorre paraninfar duas turmas de formandos em Engenharia, em Eletrônica e em Computação, simultaneamente. Dos gregos, herdamos o vocábulo paraninfo, cuja sonoridade musical e poética se mantém desde suas reminiscências. Se de algum modo abriste-me a fortuna da vossa escolha, de cá, cativo de tanta generosidade, gostaria de dispor de meios de corresponder à devida altura. Afinal, fora de uma sala de aula, faço-me *gauche* como diria Drummond. Uma alocução panegírica é incomensuravelmente mais prolixa do que falar sobre radiofrequência e de E. Armstrong ou sobre complexidade computacional. O que é importante na trajetória de um professor? Cada tem sua visão pessoal. A minha, confesso-vos – cabe no patamar mais elevado – ter estimulado positivamente e contribuído na formação dos novos engenheiros. Em uma esquisita meritocracia de cargos, vantagens, autoridades, aparências, prestígios, toca-me a constatação que pude vos ser útil. Algo que prezo genuinamente é a constatação da valia da minha vontade de contribuir, revelar e descobrir juntos, quão bela esta profissão e quanto pode ela contribuir com os semelhantes e moldar um novo mundo! A ocasião é propicia para retribuir sinceramente esta homenagem e revelar-vos o quanto a mim ela é valiosa! Ocasião marcante e particular para este orador: Não sou mais o professor responsável pela disciplina que vos ministrei. Um dos pontos a destacar nesta forma-

tura é a respeito de qualidade. Não o termo "qualidade", já adjetivado, e de uso tão corriqueiro. O tal do *Ensino de qualidade*! Semanticamente vazio, pois todo ensino é de qualidade, muitos de qualidade péssima ou duvidosa. Ora, falemos de BOA qualidade. Do ponto de vista intelectual, a iniciar pela concorrida seleção para o ingresso nestes cursos, a *crème de la crème* intelectual está nos graduandos de Engenharia da Computação. Se vós sois de fato destacados entre colegas da UFPE e os compatriotas do estado, vossa missão no uso dos conhecimentos aqui adquiridos é de maior impacto e valia. Entretanto...

Não sei se incorro em ridículo trazendo à baila a minha desilusão sobre a educação no Brasil. Estou farto dos políticos. Muito se menciona sobre a educação e sua importância. Todos se se afirmam peremptoriamente conscientes da importância da educação e da tecnologia de alto nível. De boca para fora, propaganda enganosa. O PISA – *programa internacional de avaliação de estudantes* é reconhecido mundialmente como ferramenta para avaliação da qualidade na educação. Dos 65 países da avaliação mais recente, o Brasil obteve a pífia 58ª posição, entre os 10% piores do mundo. O atual sistema de gestão nas **IES** é extremamente burocratizado e concebido para não funcionar. Muitas restrições e burocracias para gasto no reparo de uma fechadura enquanto mamatas e negociatas proliferam no alto escalão.

A minha posição neste momento exige, além de saudar-vos e parabenizar-vos, algum aconselhamento. Sedes, como exige a carreira: entusiastas e intrépidos, arrojados e ple-

nos de aspirações, pois o trabalho é fonte para regenerar o homem e transformar a humanidade. Acredito que o principal ponto na escolha de uma profissão, técnica ou não, de nível superior ao não, é AMAR o que se faz. Um bom músico ama compor e tocar. Um bom engenheiro regozija-se por "engenheirar" (neologismo!). E não temais o que a vida vos oferta e titubeais temendo os diferentes caminhos a tomar. Permitindo-me um instante pessoal, cito nominalmente Fred Rabelo quem pude acompanhar a evolução, mesmo de longe, desde sua adolescência. Ocasião propícia para congratularmo-nos aos vossos pais, artífices e cúmplices desta brava conquista. Obrigado, bravos colegas. Votos de pleno sucesso profissional para cada um de vós, nesta belíssima profissão que abraçam a partir de hoje. *locutus sum*: Futuro e orbe encontram-se a espera da vossa ação.

MUITO OBRIGADO.

Capítulo 10

alocução

10.1 Formandos UFPE de 2014.1

ALOCUÇÃO PROFERIDA 05/10/2014
Centro de Convenções, Tabocas, Olinda.
Paraninfo da Turma de Engenheiros Eletrônicos do Centro de Tecnologia e Geociências

Magnífico Reitor desta UFPE, Prof. Anisio Dourado Brasileiro, Ilmo vice-diretor do CTG, prof. Afonso Sobreira, demais componentes da mesa, autoridades presentes, homenageados – meus novos colegas Engenheiros – familiares dos formandos, público em geral. Indescritível a emoção ao receber o gentil convite, investindo-me à condição de homenageado por jovens que representam o porvir. Mesmo cativo pela deferência, fui surpreendido pelo anúncio na última sexta-feira que também me caberia representar os demais paraninfos: Rogo escusas, por encontrar-me desapercebido face ao exíguo tempo para urdir uma alocução que pudesse condizer a tal honraria.

Ao iniciar, divido convosco a constatação que a ortografia vem sendo progressivamente deformada sob o discutível charme de facilitador da alfabetização e fator de inclusão social. Proliferam defensores desta diretriz, arguindo que o objetivo da linguagem é a compreensão. Em uma recente crônica, nomeada "A xacina do testo", Roberto Pompeu de Toledo (1944-) aborda o assunto[1]. Eu, miúdo, cá do meu lado, impetro-vos – colegas e audiência – tolerardes meu estilo. Mesmo que a ocasião clame precipuamente por futuro, permito-me valer da citação de Sir Winston Churchill (1874-1965): «*The further backward you look, the further forward you can see*». Tendo em vista meu iminente afastamento da Engenharia que contribui nas últimas três décadas, faço a minha prestação de contas: Não posso me furtar a rememorar ter sido eleito homenageado por 47 (corrijo, 48) turmas distintas de formandos em Engenharia[2]. No capítulo "Sobre a erudição e os eruditos"[3], Schopenhauer (1788-1860) inicia: «*Muitos professores ensinam para auferir rendimentos e não se esforçam pela sabedoria (...)*». Para os que fazemos parte daqueles que avaliais merecer tributo, a ocasião revela-se valiosa. Aqui, há uma primeira lição notável cuja valia pode ser entendida recorrendo a uma frase do escritor Albert Camus (1913-1960): «*On ne vous pardonne votre bonheur et votre succès que si vous consentez généreusement à les partager*[4]». Dessarte, os homenageados, agradecemos com efusão, a deferência que valida a vossa conquista. Tarefa desafiadora e laboriosa que é concluir integralmente um curso de Engenharia. Doravante, Engenheiros! Cabem três vertentes nesta ocasião: i) uma comemoração festiva pelo feito, ii) um balanço da vossa evolução e iii) projetos para o porvir.

A quintessência e mais agradável objetivo é a comemoração: uma merecida colheita do que foi arduamente plantado. *qvo vadis*? A preocupação de que rumo tomar, domina as mentes da maioria. Ainda com relação ao futuro, envergonha-me a tempestade de corrupção disseminada no país (e me preocupa ainda mais a banalização e a impunidade das ações delas decorrentes). Escândalos são meras manchetes de vida curta – sem indignação por parte da sociedade. Mas é mister guardar algo onírico. Neste ponto dar-lhes-ia a máxima de Oscar Wilde (1854-1900): «*Um mapa mundi em que não aparece o país utopia não merece ser olhado*[5]».

Espera-se que esta saudação, além do seu caráter congratulatório, deva imprimir um posicionamento, aconselhamentos e quiçá uma visão de desafios de futuro, haja vista a posição de referencial outorgada ao paraninfo. Mesmo iterada em ideia por diferentes autores, cabem as citações: «*Quando o trabalho é um prazer, a vida é bela! Mas quando nos é imposto, a vida é uma escravatura*». Maximo Gorki (1868-1936), ou mesmo «*A única maneira de fazer um trabalho extraordinário é de amares aquilo que fazes*». Steve Jobs (1955-2011).

A tecnologia avança avassaladora. Como resultado, a sociedade contemporânea vem atravessando uma era díspar na história da humanidade, mas poucos percebem-na com clareza e menos ainda são aptos a perceber suas implicações. Desde a globalização, mormente com a Internet, “estamos vivendo em tempos exponenciais”.

Trata-se da "entrada" de milhões de novos cérebros tributários para avançar a Ciência. E os avanços acontecem em proporção sem precedentes. Em minha opinião, um dos fatos determinantes na construção do futuro diz respeito à censura e controle na Internet. O criador do hacktivismo[6], o brilhantíssimo e a quem admiro, Aaron Swartz (1986-2013) cita textualmente: «*A informação é poder. Mas tal como acontece com todo o poder, há aqueles que querem guardá-lo para si*». E nos convida: «*Estas ferramentas podem ser usadas por qualquer pessoa talentosa o suficiente... Agora cabe a você mudar o sistema*».

Projeções sem exagero estimam 100 bilhões (pasmem!) de objetos identificáveis conectados à Internet até 2020. Outro fato digno de nota é a tendência de ritmo rápido nas mudanças. O futurista Alvin Toffler (1928-) observa que a mudança cultural na era da informação vem ocorrendo mais rapidamente do que em épocas anteriores. Isto é conhecido como a Lei de Toffler. De cunho ainda mais desafiador e profundo é a a lei do retorno acelerado, proposta pelo revolucionário matemático Vernor Vinge (1944-): a previsão de uma *singularidade tecnológica*, uma mudança tecnológica tão rápida e profunda que rompe todos os padrões históricos conhecidos. Este é um conceito que pessoalmente recomendo uma leitura aos mais novos colegas.

Chamarei atenção de alguns desenvolvimentos particularmente provocantes. Cabe uma ênfase *sui generis* aos projetos de interfaces, sobretudo para melhorar a realidade virtual, concebendo ambientes criativos para educação e entre-

tenimento. Outro capital desafio diz respeito à visualização de massas de dados, incluindo técnicas 3D de imagem e multimédia. Computação móvel em nuvem para atender as múltiplas novas aplicações e aspectos ligados à segurança cibernética (ameaças, ataques, e danos) são fundamentais. Atenção engenheiros mecânicos, eletrônicos, e de computação: outro ponto crucial diz respeito à conformidade de atuação: robôs com toque suave. Quando os robôs interagem com humanos, a segurança é uma preocupação central. O toque suave é a chave para um futuro onde os seres humanos e robôs possam colaborar estreitamente[7].

Por outro lado, os robôs de fábrica parecem anunciar o futuro da indústria. A fabricante de eletrônicos *Foxconn* (Taiwan) planeja adicionar 1 milhão de robôs em suas linhas de montagem nos próximos três anos. E um milhão de robôs é um monte de robôs, mais que o dobro da atual população de robôs industriais. Outra linha marcante parece ser aquela dos co-robôs: "robôs como colegas de trabalho". Espera-se que eles possam colaborar para executar tarefas práticas, interagir com os seres humanos. O conceito de co-robôs já está no coração da iniciativa americana de robótica (NRI[8]), para a qual foram destinados U$ 70 milhões, e este talvez seja um passo definitivo para robôs migrarem de fábricas e laboratórios acadêmicos para a vida cotidiana. Co-robôs devem ser seguros, baratos, fáceis de se relacionar, disponíveis em todos os lugares, e devem interagir com os humanos para "alavancar seus pontos fortes na execução de uma tarefa". A famosa agência DARPA já patrocina implante cerebral que permite que os pacien-

tes para controlar um braço robótico com antecedência, via seus pensamento. Próteses robóticas e interfaces cérebro-máquina parecem estar caminhando literalmente para fora dos laboratórios. A esses respeito, o governo japonês passou a conceder um certificado de segurança mundial a um exoesqueleto, no ano passado. Como provocação final, incluo: «*Nasci humano. Apenas por acidente do destino – uma condição de tempo e lugar. Mas acredito que é algo que temos o poder de mudar*[9]», Kelvin Warwick (1954-). Reitero meu manifesto peremptório sobre a universalidade das futuras contribuições da tecnologia, com o mesmo júbilo que acolhi a regalia de compartilhar, com parte de vós, as belezas da Engenharia. Felizmente, resta um mar por fazer e um vasto horizonte de desafios para cada uma das engenharias. Apliquem os conhecimentos adquiridos durante vossos cursos, pois eles são úteis! E os desafios – tanto os grandes quanto os menores– compõem uma luta que vale a pena ser travada... E a transformação do mundo depende em maior ou menor proporção, da contribuição de cada um de vós, os novos engenheiros. Se o futuro se constrói, os engenheiros são os construtores por excelência. Avante!
Sucesso profissional a todos. Muito Obrigado.

comentários –

1 – Junte-se com uma preocupação excessiva com a pauta do momento (termos-chave da época: e.g. cidadania, inclusão, diversidade, sustentabilidade, inovação) que muitas vezes conduzem a adequações exageradas. Não se trata de julgar tais conceitos. Apenas menciono seu frequente uso no para agregar valor.

2 – ainda que alguns possam atribuir algum *Laus in ore proprio villescit*: Elogio de boca própria é vitupério.

3 – A arte de escrever, Arthur Schopenhauer.

4 – Seus sucessos e felicidade serão perdoados apenas se você concordar com a generosidade de compartilhá-los. *Extrait de: La Chute*, A. Camus.

5 – *A map of the world that does not include Utopia is not worth even glancing at*.

6 – Neologismo que corresponde ao amálgama das palavras hacker & ativismo.

7 – Permitindo-me um instante pessoal, dirijo-me a Felipe Duque, que mergulha neste rico campo.

8 – $http : //www.nsf.gov/publications/pub_{s}umm.jsp?ods_{k}ey = nsf14500$

9 – *I was born human. But this was an accident of fate - a condition merely of time and place. I believe it's something we have the power to change (sic)*.

INFORMAÇÕES GRÁFICAS
FORMATO 14,8 × 21 cm
TIPOLOGIA Palatino
PAPEL MIOLO: off-set 90g/m^2
CAPA: Triplex 250 g/m^2
Montado e impresso na oficina gráfica
Iranildo Mendonça
IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Recife-PE